MANIFESTO CONTRA O "MONOLINGUISMO CIENTÍFICO"

É evidente que, no momento histórico em que se estabelecem relações entre povos diversos, se acaba por impor uma língua, que é, geralmente, a do conquistador ou a do dominante económico.

Existe um primeiro nível de comunicação, o nível coloquial e de serviços, e não há dúvida de que o inglês cumpre, hoje em dia, essas funções. Um inglês simplificado, de vocabulário escasso.

Torna-se evidente que este nível de comunicação simplifica e empobrece a língua, de modo que a intelectualidade inglesa já começa a lamentar-se disso, denunciando o baixo nível gramatical, sintáctico e conceptual em que estão redigidos muitos artigos publicados em inglês por pessoas que não são anglofalantes.

No campo das Ciências Naturais e da Técnica, o inglês impôs-se como veículo de comunicação científica. Por duas razões: uma, o predomínio técnico dos Estados Unidos da América; outra, mais significativa, porque a maior parte do vocabulário das Ciências Naturais procede do latim ou do grego e, por conseguinte, essas palavras são mais parecidas em todas as línguas europeias. Por outro lado, estas ciências dispõem de uma metalinguagem, há fórmulas cujo significado todos entendem: Au significa ouro para todos os cientistas do mundo, independentemente da língua que falem; uma determinada equação escreve-se de igual modo em todas as línguas.

No entanto, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, em que os matizes do pensamento apenas podem evidenciar-se mediante um amplo conhecimento das palavras e dos seus sinónimos, o indivíduo somente tem possibilidade de bem se exprimir se o fizer na sua ou nas suas línguas maternas, aquelas de que domina toda a estrutura gramatical e conceptual através da qual se expressa.

O empenho dos administradores da ciência europeia em reduzirem toda a comunicação científica a uma só língua está, pois, a provocar uma rápida deterioração das Ciências Sociais e Humanas.

Em primeiro lugar, porque se nega a todos aqueles cuja língua materna não é o inglês a possibilidade de correcta e plenamente se expressarem, produzindo o já referido empobrecimento na comunicação.

Em segundo lugar, no nosso mundo, associa-se, automaticamente, a qualidade de expressão à capacidade de pensamento; portanto, quem se exprime limitadamente é,

automaticamente, considerado menos valioso. Isso tem, pois, directa repercussão em todos aqueles que se vêem obrigados a exprimir-se numa língua que não é a sua, mormente se disso depende a obtenção de recursos para a sua investigação.

Em terceiro lugar, os documentos e a maioria das obras escritas num país estão redigidos na língua desse país. É inútil ordenar, por exemplo, aos alemães que escrevam em inglês sobre a história alemã ou acerca de qualquer outro aspecto da vida social da Alemanha, quando a imensa maioria dos seus leitores vão ser alemães. Haverá trabalhos que merecem ser traduzidos noutro idioma, que é o que até agora se tem feito. É natural que um estrangeiro, se investiga sobre a história, a sociedade ou o pensamento alemão, deseje publicar os seus trabalhos não apenas na sua própria língua, mas também em alemão; mas esta é uma opção pessoal.

Enquanto que, por um lado, se procura fomentar o conhecimento de línguas, pretende-se, por outro, criar o "monolinguismo científico" a que nos estamos a referir.

Enquanto, no Parlamento Europeu, se defende a pluralidade das línguas, os mesmos políticos que reclamam para eles esse direito, que consideramos fundamental, pretendem impor o monolinguismo no âmbito científico. Dado que são eles quem controla os recursos económicos destinados ao desenvolvimento científico, põem em inferioridade de condições os seus compatriotas num domínio tão determinante, posto que o prestígio de uma língua não depende do número dos que a falam, mas sim do prestígio do que nessa língua se publica. E o prestígio da língua tem um reflexo directo no poder político e económico do país que a detém.

Os sistemas de tradução por computador estão a registar, actualmente, mui significativas melhorias, o que permite a qualquer um dispor de traduções automáticas de qualquer língua para a sua. Por consequência, isso faz com que ainda seja cada vez menos necessário obrigar alguém a exprimir-se numa língua diferente da sua.

A cultura europeia desenvolveu-se num mundo multilinguista, ainda que seja certo que houve línguas que contribuíram mais do que outras para o desenvolvimento de determinadas ciências. Perder essa pluralidade significará um empobrecimento notável. Será necessário que as novas gerações de investigadores continuem a ter a capacidade de analisar documentos em diferentes línguas e de se exprimirem naquela que lhes seja mais familiar.

Os cientistas mais relevantes são aqueles que foram capazes de conhecer outros idiomas e a idiossincrasia de outras nações, que foram capazes de aprender directamente a partir dos documentos e da literatura proporcionados por outros.

Por tudo isso, exigimos:

– Que, independentemente de, em cada momento, haver uma língua de comunicação verbal (na actualidade, em muitos domínios, o inglês), se mantenha, no âmbito científico, a liberdade de expressão de cada um na sua língua materna, garantia de exactidão na manifestação dos seus próprios pensamentos.

– Que os administradores da ciência na União Europeia não imponham uma língua única na hora de se apresentarem projectos científicos, cláusula essa que introduziria inferioridade de condições para todos aqueles que a não tenham como língua mãe.

José Remesal Rodríguez
Catedrático de Historia Antigua
Universidad de Barcelona
e-mail: remesal@ceipac.ub.edu

Os resultados das suas investigações têm sido dados a conhecer em sete línguas (Alemão, Catalão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Português) e em catorze países: Alemanha, Argentina, Áustria, Brasil, Espanha, Estados Unidos da América, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, Israel, Itália, Portugal, Suíça.

A versão portuguesa é de José d'Encarnação, catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que, embora privilegie sobremaneira a escrita em língua portuguesa, já viu textos seus em Castelhano, Francês, Italiano e Inglês, publicados em Portugal, Alemanha, Bélgica, Brasil, Espanha, França, Itália.